

Memórias/contos de recreio: narrativas autobiográficas e a educação das sensibilidades no cotidiano escolar

Recess memories/tales: autobiographical narratives and the sensibilities education in school daily life

Izaque Moura de Faria

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Vitória, ES
izaque.faria@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8374-2365>

Cícero Leão da Cunha

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Vitória, ES
ciceroleaocunha@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-0756-7066>

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Vitória, ES
larissa.rodrigues@ufes.br
<https://orcid.org/0000-0002-3256-2652>

Recebido em: 21 de janeiro de 2026

Aceito em: 12 de maio de 2026

Resumo:

Este artigo investiga como as narrativas autobiográficas, produzidas por estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, atuam como dispositivos de memória, sensibilidade e re-existência no espaço escolar. A partir de uma pesquisa-intervenção cartográfica, inspirada em Deleuze, Guattari e Freire, acompanhamos o cotidiano de uma escola pública, com destaque para a emergência dos “Contos de Recreio” — narrativas breves que convertem episódios cotidianos em matéria de reflexão coletiva e registro sensível. A análise evidencia que a leitura e a escrita operam como ferramentas de educação das sensibilidades, permitindo a ressignificação de experiências e a articulação entre subjetividades e questões comunitárias. Conclui-se que essas narrativas constituem arquivos vivos de memória escolar, que desafiam a massificação curricular e promovem uma práxis educativa sensível, na qual o desejo atua como força criadora e potência histórica e formativa.

Palavras-chave: Memória escolar. Narrativas autobiográficas. Educação das sensibilidades. Cotidiano escolar. Re-existência.

Abstract:

This article investigates how autobiographical narratives produced by students in the final years of Elementary School function as devices of memory, sensibility, and re-existence in the school environment. Based on a cartographic intervention-research inspired by Deleuze, Guattari, and Freire, we followed daily life in a public school, highlighting the emergence of “Recess Tales” — brief narratives that transform everyday episodes into material for collective reflection and sensitive recording. The analysis shows that reading and writing act as tools for the education of sensibilities, enabling the re-signification of experiences and the articulation between subjectivities and community issues. We conclude that these narratives constitute living archives of school memory, challenging curricular massification and promoting a sensitive educational praxis in which desire acts as a creative force and historical and formative potency.

Keywords: School memory. Autobiographical narratives. Education of sensibilities. School daily life. Re-existence.

Introdução

Todos os dias, ao final da tarde, o tempo recolhe
uma diversidade de eventos que se passam no
cotidiano das escolas deste nosso país.
Acontecimentos que não viram texto, que não
encontram quem os choque. Que seria dos pintinhos
se a “mãe” galinha não chocasse os ovos? Quem
está chocando o que acontece todos os dias na escola
para que extrapole a vida, a memória e o
pensamento de quem ali aprende-ensina? E o que
tem se pensado acerca de tantos acontecimentos que
cotidianamente nos chocam dentro da escola?

Cícero Leão da Cunha, 2024

Em um contexto educacional marcado pela racionalidade técnica, pela eficiência curricular e pela padronização dos saberes, a experiência sensível e memorialística de quem vive-pratica a escola tem sido frequentemente silenciada ou relegada a um plano secundário. No entanto, é justamente no entrelaçamento entre memória, narrativa e educação das sensibilidades que se pode vislumbrar potentes vias de resistência e reinvenção da escola como espaço de produção de conhecimento, afeto e história. Este artigo situa-se nesse diálogo, ao investigar como as narrativas autobiográficas de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental operam como práticas de memória sensível e dispositivos de re-existência no cotidiano escolar.

A pesquisa que originou este texto — um mestrado profissional em Educação — partiu do desejo de cartografar o *intermezzo* entre desejo, leitura e escrita em uma escola pública do município da Serra, no Espírito Santo (Cunha, 2024). Inspirada pela filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari e atravessada pela pedagogia libertadora de Paulo Freire, a investigação assumiu a cartografia como método-intervenção, um “zigue-zague” conceitual e experiencial que permitiu acompanhar os processos de significação protagonizados pelas/os¹ estudantes. Nesse percurso, emergiram os

¹ A exemplo de Abranches (2009, p.18), sempre que preciso será utilizado ao longo do texto a barra para fazer “[...] referência explícita a ambos os sexos de forma igual e paralela, o que implica tornar visível na

“Contos de Recreio” — narrativas breves, espontâneas e carregadas de afeto, que convertem episódios aparentemente banais do dia a dia escolar em matéria de reflexão coletiva, registro memorialístico e crítica social.

Se, por um lado, os currículos prescritivos tendem a homogeneizar experiências e a privilegiar habilidades mensuráveis (Gomes; Subtil; Gouveia, 2024), por outro, o cotidiano escolar segue pulsante, feito de ondas de desejo, encontros imprevistos e pequenas histórias que tecem memórias. Nesse sentido, as narrativas autobiográficas não são apenas expressões individuais; elas funcionam como arquivos afetivos da escola, documentos vivos que registram não apenas o que se vive, mas como se sente e se significa o vivido. É nessa perspectiva que este artigo se vincula ao dossiê “*Memória, Narrativa e Educação das Sensibilidades*”, propondo uma reflexão sobre como as vozes discentes, ao narrarem-se, produzem conhecimentos históricos e educacionais sensíveis, articulando o pessoal, o comunitário e o político.

A partir de uma abordagem cartográfica, que recusa a separação entre pesquisar e intervir (Barros; Kastrup, 2009), acompanhamos estudantes de 14 a 15 anos e sua professora de Língua Portuguesa entre fevereiro e abril de 2024. O material produzido — um Álbum de Narrativas composto por textos autorais, com destaque para os “Contos de Recreio” — serve aqui como base para discutir três dimensões entrelaçadas:

- A narrativa como prática de memória sensível, capaz de converter o cotidiano em patrimônio afetivo-educacional;
- A escrita autobiográfica como educação das sensibilidades, em que desejo, afeto e pensamento se coengendram; e
- A mediação docente como gesto de abertura a narrativas outras, alinhada a uma pedagogia freireana do diálogo e do “inédito viável”.

Ao final, espera-se demonstrar que os “Contos de Recreio” e as demais narrativas cartografadas não são apenas registros escolares, mas ato de produção histórica e sensível, que desafia a lógica da massificação curricular e projeta a escola como espaço de invenção de si, do comum e do possível. Nesse movimento, memória e desejo, sensibilidade e política, leitura do mundo e escrita de si compõem um mesmo

linguagem o sexo invisível – na grande maioria dos casos, as mulheres – através da marcação sistemática e simétrica do gênero gramatical”.

plano de imanência, aquele que faz da educação um exercício permanente de re-existência com sensibilidade.

Narrativas autobiográficas, experiência e desejo: memória e sensibilidade no cotidiano escolar

As narrativas autobiográficas são, antes de tudo, práticas de memória sensível — modos de dizer, guardar e ressignificar o que nos passa, nos toca e nos constitui. Neste estudo, entendemos a partir de Larrosa (2002, p. 21), que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Essa noção nos permite pensar as narrativas dos estudantes não como meros relatos, mas como registros afetivos e memorialísticos do cotidiano escolar, onde o vivido se torna narrável, e o narrável se torna matéria de reflexão e de produção de si.

Essa perspectiva ressoa profundamente com a pedagogia freireana, que parte da leitura do mundo dos educandos, de suas histórias e experiências concretas (Freire, 2017). Quando um estudante narra um episódio do recreio, um conflito, uma descoberta ou um sonho, ele não está apenas contando uma história: está tecendo memória, inscrição sensível de um tempo-escola que, de outra forma, poderia se perder na lógica funcionalista dos currículos prescritos. As narrativas, assim, funcionam como arquivos do sensível, documentos vivos que guardam não apenas fatos, mas afetos, desejos e interpretações do mundo escolar.

O cotidiano, como nos lembra Ferraço (2007, p. 87-88), “está pulsando muito mais fortemente do que qualquer análise que façamos ‘com’ ele”. Nesse pulsar, as narrativas autobiográficas dos estudantes revelam-se como ondas de desejo: movimento contínuo, imprevisível, criador. O desejo, aqui, não é entendido como falta, mas como força produtiva (Deleuze; Guattari, 1995), que agencia encontros, produz sentidos e inventa formas de existir no espaço escolar. Esse desejo-onda não se repete, não se domestica; ele surpreende, arrisca, e nos convida a estar atentas/os aos seus signos; signos esses que são também sinais de uma sensibilidade em ação, uma educação do sentir que se faz na própria tessitura narrativa.

Foi nesse ritmo de ondas-desenvolvimentos que a pesquisa-intervenção se desenhou com adolescentes de 14 a 15 anos, turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, e sua professora de Língua Portuguesa, em uma escola pública da Serra - ES, entre fevereiro e abril de 2024. Em meio a rotinas, conteúdos e avaliações, o que emergiu foram narrativas carregadas de potência memorialística e sensível: os “Contos de Recreio”. Neles, o aparentemente banal ganha densidade histórica e afetiva: uma conversa no pátio, um jogo, um gesto de exclusão ou de inclusão, um objeto esquecido, um riso compartilhado. Tudo isso é matéria-prima para a narração de si, mas também para a construção de uma memória coletiva da escola.

Assim, as narrativas autobiográficas revelam-se como dispositivos de educação das sensibilidades. Ao narrar, a/o estudante não apenas se expõe, mas se interpreta, se emociona, se politiza. A escrita torna-se, então, um exercício de sensibilidade cultivada: um modo de educar o olhar, a escuta, o gesto, a palavra. Essa educação não se dá por transmissão, mas por composição: compõem-se vozes, tempos, afetos; compõe-se memória; compõe-se currículo vivo, feito de histórias que insistem em não caber nos formatos pré-definidos.

Nesse sentido, as narrativas estudantis operam como ferramentas de produção de conhecimento histórico-educacional. Elas não apenas registram o cotidiano, mas o interrogam, o problematizam, o reinventam. Quando a/o estudante escreve sobre “panelas” e “caldeirões”, ela/e está fazendo muito mais que descrever um evento: está produzindo uma crítica social, uma reflexão sobre exclusão e inclusão, um documento que poderá, no futuro, compor a história cultural dessa escola, dessa turma, dessas existências.

Portanto, pensar as narrativas autobiográficas a partir da experiência e do desejo é, também, pensá-las como práticas de memória sensível e política. Memória que não se volta apenas para o passado, mas que se faz no presente, como ato de preservação e invenção do sensível. Sensibilidade que não é apenas individual, mas coletiva, comunitária, capaz de conectar subjetividades e transformar o espaço escolar em território de histórias vivas: histórias que, como ondas, vêm e vão, mas deixam marcas, rastros, aprendizados. E é nesses rastros que a escola se reconhece não apenas como

lugar de instrução, mas como espaço de humanização sensível, onde se aprende, também, a lembrar, a narrar e a sentir com os outros.

Escrita como produção do desejo: narrativas, memória e registro do sensível nos “Contos de Recreio”

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu em meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Walter Benjamin

A escrita autobiográfica, tal como emergiu nesta pesquisa, não é apenas uma atividade escolar ou uma técnica de expressão; é uma prática de produção do desejo que se entrelaça com a construção de memória sensível e com a invenção de si no mundo. Por meio de diálogos, escritas espontâneas e observação participante, coletamos e compusemos com as vozes das/os estudantes, não para representá-las, mas para deixar-nos afetar por elas e, com elas, produzir deslocamentos nos modos de ler, escrever e habitar a escola.

Nosso objetivo foi compreender como as/os estudantes eram afetadas/os pelo desejo e como, por sua vez, produziam desejo através da escrita, cartografando esse *intermezzo* perene entre desejo, leitura, produção textual e produção de si. Esse *intermezzo*, como nos lembram Deleuze e Guattari (1995, p. 48), “não começa nem conclui, se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser [...] unicamente aliança”. É nesse entre que a escrita se faz ferramenta de re-existência, dispositivo de registro sensível e ato político de memória.

O desejo, aqui, é compreendido como produção, e não como falta. Nas palavras de Lazzarato (2014, p. 49), “desejar sempre significa construir um agenciamento; desejar sempre significa agir em e para um coletivo em multiplicidade”. Escrever, portanto, é agenciar encontros, é tecer redes de afetos e sentidos, é produzir memória compartilhada. Quando um estudante escreve, ele não está preenchendo uma lacuna, mas criando um mundo possível, um traço de sensibilidade que inscreve sua presença no tempo-escola.

Diferentemente de concepções que associam o desejo à carência, entendemo-lo como força criadora que se efetiva no plano da imanência (Deleuze; Guattari, 2010). Escrever, nessa perspectiva, é experimentar-se, é produzir alegria: não no sentido simplista de felicidade, mas como potência de existir de outro modo, de ressignificar o vivido, de arquivar afetos. É o que Deleuze (1998, p. 77) nomeia como “processo do desejo”, que só é interrompido quando se rompe o agenciamento.

No cotidiano escolar, marcado por multiplicidades, signos e afetos, professoras/es e estudantes são constantemente impulsionadas/os a criar, ainda que capturadas/os por rotinas e prescrições. Nesse tensionamento, a leitura e a produção textual surgem como vias de extrapolação do instituído, formas de desejar narrando e, ao narrar, construir memória sensível. As narrativas que daí emergem são, em sua essência, autobiográficas, pois dizem de si e do mundo presente, do cotidiano imanente da escola. Mais do que isso: são (auto)constituintes, pois ao escrever-se, a/o estudante também se inventa, se historiciza, se sensibiliza.

Foi nesse contexto que os “Contos de Recreio” irromperam como acontecimento (Deleuze, 2015) na pesquisa. Eles não foram planejados como um gênero a ser ensinado; emergiram da vida que pulsa no intervalo, no tempo-espço do recreio. Esses “escassos vinte minutos” que, no entanto, concentram intensidades memoráveis, flashes de vida que ficarão guardados na memória afetiva dos estudantes. Como registrou uma das vozes da pesquisa: “na escola acontecem coisas incríveis” (Estudante n-1²) e muitas delas acontecem justamente no recreio.

² Para que seja possível vislumbrar a multiplicidade e a diferença de enunciados e enunciantes compondo a cartografia, após cada enunciado capturado ao longo do curso colocaremos a marca Estudante n-1, subtraindo a singularidade da multiplicidade constituída (Deleuze; Guattari, 1995). Afirmando a diferença sem criar identificações e mantendo a integridade dos diálogos em sua linguagem cotidiana e coloquial.

Os “Contos de Recreio” são, assim, narrativas de sensibilidade e memória. Eles transformam episódios aparentemente corriqueiros: um jogo, uma conversa, um gesto de solidão ou de invenção, em matéria de reflexão coletiva e registro histórico sensível. Em um dos contos, por exemplo, duas estudantes narram como transformaram a experiência de exclusão em um movimento por inclusão, propondo a metáfora do “caldeirão” no lugar das “panelas”:

No recreio existem muitas panelinhas, mas o que isto significa?

O termo "Panelinhas" foi criado para designar um perfil de pessoas que se encaixava naquele grupo. Uma menina, cujo nome não vou citar, e que chegou este ano na escola, não conseguia fazer amizade com os grupos, ficando por muito tempo sozinha. Até que, um dia, encontrou uma aluna que era de outra sala e que também passou muito tempo só, e perguntou:

— Por que você fica muito sozinha no recreio?

— Porque não consigo fazer amigos.

Então elas decidiram que juntas iriam acabar com as panelinhas. Fizeram uma revolução: um movimento contra formar grupos e não incluir pessoas. Fizeram cartazes que chamaram a atenção de todos. Um deles dizia: “É melhor que no lugar de ‘panelas’ se forme um ‘caldeirão’, que tem como incluir a todos”. É necessário que todos tenham consciência disso para não excluir pessoas (Conto de Recreio – Estudante n-1).

O conto acima descrito não é apenas um registro; é um documento de prática política juvenil, uma fonte para a história das sensibilidades escolares, uma evidência de que o cotidiano é espaço de produção de conhecimento e de crítica social.

Através dessas narrativas, as/os estudantes nos mostram que o recreio e, por extensão, o cotidiano escolar, é um território de linguagens múltiplas: ciência, arte, música, dança, leitura, escrita. Como observou Deleuze (2003, p. 21), “nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos”. Nos “Contos de Recreio”, os signos do recreio são signos de sensibilidade, que educam o olhar, a escuta, o gesto, a palavra. A menina com a flauta, o trio que dança, o garoto com a lupa, a turma que joga “cartinhas” — todas/os estão, de algum modo, exercitando uma educação das sensibilidades, ainda que não nomeada assim.

Eu e minha lupa

Essa história é de quando levei minha lupa para a escola. Em casa, acordei, arrumei minha cama e fui escovar os dentes e tomar meu café. Vesti meu uniforme, peguei minha mochila e esperei a hora de descer. Enquanto eu esperava, pensei em levar minha lupa para a escola, mas minha mãe não podia me ver saindo com ela, então levei escondida na mochila.

No recreio, mostrei para os meus amigos e eles acharam legal. Queimei um pedacinho de papel e uma folha seca. O pedacinho de papel pegou fogo e na folha abriu um buraco. Minha intenção era só mostrar para os meus amigos, mas acabou juntando uma multidão de meninos e o coordenador chegou e perguntou se eu sabia explicar por que a lupa queimava o papel e a folha seca, e eu expliquei direitinho (Conto de Recreio – Estudante n-1).

Essa escrita-desejo, portanto, não é apenas produção subjetiva; é produção de arquivo sensível, construção de memória educativa, invenção de currículo vivo. Ela nos convida a uma pedagogia dos sonhos possíveis. Nos termos de Freire, uma pedagogia que não tem medo do desejo, que celebra a sensibilidade como força cognitiva e política, que faz da escola um lugar de histórias vivas, onde se aprende, também, a lembrar, narrar e sentir com as/os outras/os.

Análise e discussão: narrativas do desejo, memória sensível e produção de conhecimento no cotidiano escolar

A análise dos dados produzidos na pesquisa, materializados no Álbum de Narrativas e, especialmente, nos “Contos de Recreio”, revela que a escrita autobiográfica opera não apenas como produção do desejo, mas como prática de memória sensível, ato de re-existência e dispositivo de produção de conhecimento histórico-educacional. Através de suas narrativas, as/os estudantes não apenas relatam experiências, mas agenciam sentidos, arquivam afetos e constroem uma história viva da escola, articulando subjetividades e questões comunitárias. Esta seção organiza-se em três eixos de análise, que se agenciam entre si.

Memória sensível e escrita de si: narrar para existir, lembrar para re-existir

As respostas das/os estudantes à pergunta “Por que escrevo?” desvelam a potência memorialística e sensível da escrita como prática de si. Frases como “Escrevo para acalmar minha alma”, “Escrevo para preservar a minha história” e “Escrevo para conhecer mais” (Estudante n-1) evidenciam que a escrita é, para elas/es, um exercício de cuidado de si, um modo de elaborar afetos, constituir memória e interrogar o mundo.

“Escrevo para dizer o que está acontecendo comigo. Desabafar, falar sobre as coisas que gostaria de dizer mas não tenho coragem” (Estudante n-1). Este depoimento ilustra a dimensão terapêutica e política da escrita autobiográfica: escrever não é apenas externalizar, é criar um agenciamento de coragem, um espaço seguro para a expressão sensível. Na perspectiva Deleuziana, o desejo aqui não é carência, mas produção de novas possibilidades de existir: escrever para existir de outro modo, mais corajoso, mais sensível, mais dono de sua própria história.

A escrita funciona, assim, como ferramenta de educação das sensibilidades: ao narrar-se, a/o estudante educa seu próprio sentir, aprende a nomear afetos, a dar forma à experiência. Esse processo é, também, um ato de memória: a escrita preserva o vivido, transforma o efêmero em registro, constrói arquivos pessoais e coletivos de sensibilidade. Nesse sentido, a pergunta “Por que escrevo?” ecoa a pergunta “Por que lembro?”; e a resposta está na necessidade humana de inscrever-se no tempo, de deixar marcas sensíveis de sua passagem pelo mundo e pela escola.

Cotidiano como arquivo sensível: os “Contos de recreio” e a politicidade das pequenas histórias

Os “Contos de Recreio” surgiram como um acontecimento (Deleuze, 2015) na pesquisa: um estilo narrativo que emergiu da vida que pulsa nos intervalos, nos interstícios do tempo escolar. Eles convertem episódios aparentemente banais em matéria de reflexão coletiva e registro histórico sensível. Como fotografado em um dos muros da escola (Imagem 1), esses contos representam um possível num *intermezzo* de impossibilidades — uma brecha criativa em meio a rotinas rígidas e tempos escassos.

Figura 1 - possível num *intermezzo* de impossibilidades



Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

“Panelinhas e o Caldeirão”, conto já descrito anteriormente, traduz muito bem o que a imagem evidencia. Ilustra como a experiência singular de exclusão se transforma em narrativa política e memorialística. A metáfora do “caldeirão” não é apenas uma solução criativa; é um conceito sensível, uma proposta pedagógica nascida do cotidiano. O conto funciona, assim, como documento de uma prática educativa invisibilizada, que merece compor os arquivos da história da escola, não como relato oficial, mas como registro sensível de lutas micropolíticas juvenis.

Os “Contos de Recreio” mostram, ainda, que o recreio é um território de linguagens múltiplas: ciência (o garoto com a lupa), arte (as cartinhas), música (a flauta), dança (o trio que ensaia), leitura e escrita (o livro no pátio). Cada uma dessas práticas é um signo de sensibilidade em ação, uma forma de educar o corpo, o gesto, o afeto. Como afirma Deleuze (2003), aprendemos através de signos, e os signos do recreio são signos sensíveis, que ensinam a ver, a escutar, a criar.

Assim, o recreio e, por extensão, o cotidiano escolar, revela-se como espaço-tempo de produção de conhecimento sensível, onde as/os estudantes arquivam experiências, inventam linguagens e resistem à homogeneização curricular.

Mediação docente e autoria discente: a dialogia freireana como gesto de abertura à memória sensível

A mediação da professora de Língua Portuguesa mostrou-se crucial para que essas narrativas emergissem. Diferentes estudantes a citaram como fonte de incentivo as/os professoras/es: “[...] inclusive a minha professora de língua portuguesa. Ela é uma pessoa maravilhosa. Eu vejo que ela só quer ver o bem dos seus alunos” (Estudante n-1).

Sua atuação dialógica, sensível e acolhedora criou as condições para que a autoria discente florescesse. Ela não ensinou um gênero “Conto de recreio”; antes, criou um *espaçotempo* de autobiografia, onde cada estudante pôde narrar suas experiências, ler-se e escrever-se. Como ela mesma relata:

Como especialista na área de línguas, sei que viver é ler o mundo e escrever é reviver e contestar a história. Eu mesma utilizo as palavras para desabafar, me curar, me entender. [...] E esse tem sido meu norte como professora: ‘seduzir’ estudantes para que entrem no mundo das letras e se conectem com pessoas de outras culturas e eras. E para que, na escrita, se mostrem, se reinventem e amadureçam (Informação verbal).

Essa fala explicita uma docência sensível, que encarna a palavra pelo exemplo (Freire, 2019) e educa pela escuta e pela provocação. A professora age como mediadora de narrativas-memória, incentivando os estudantes a arquivarem suas experiências sensíveis e a produzirem conhecimento a partir delas.

Quando questionadas/os “se um texto seu pudesse mudar o mundo, sobre o que escreveria?”, as/os estudantes mencionaram temas como racismo, *bullying*, desigualdade, guerra, machismo, fome e autismo. Suas narrativas, portanto, transcendem o pessoal e assumem dimensão comunitária e política:

Sobre o racismo, o bullying, a violência e várias outras coisas, porque assim, talvez, todos fiquem ligados sabendo que isso mata pessoas por serem diferentes (Estudante n-1).

Sobre os autistas. Eu diria que porque ele é diferente de outras pessoas não deixa de ser uma pessoa (Estudante n-1).

Esses enunciados mostram que a escrita autobiográfica é, também, um ato de denúncia e anúncio, uma forma de inscrever no arquivo escolar questões sociais urgentes. A premissa freireana de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2011) é aqui extrapolada: a escrita do mundo, e de si no mundo, torna-se ferramenta de produção de memória sensível e política, que interpela a escola e a sociedade.

Aprendizagem como experiência sensível: entre o conhecido e o desconhecido

A fala de uma estudante sintetiza o caráter experiencial e sensível da pesquisa:

Nesses encontros que tivemos, cada passo dado foi uma descoberta em um território desconhecido. Uma viagem maravilhosa que emana do conhecido para o totalmente desconhecido. [...] Na pesquisa, somos os protagonistas de uma narrativa que surge em virtude de cada experimento, cada observação, cada momento de clareza (Estudante n-1).

Aqui, a aprendizagem é descrita como viagem sensível, processo de desterritorialização (Deleuze; Guattari, 1997) que desloca certezas e inaugura novos modos de ver, sentir e pensar. A pesquisa não se limitou à repetição do já sabido; foi um exercício de abertura ao desconhecido, onde cada objeto – “uma folha, uma pedra, um grão de areia” – interpelou o estudante como signo sensível, convite à descoberta.

Outro depoimento revela a dimensão afetiva e memorialística da leitura:

Confesso que senti uma empolgação que não experimentava há muito tempo. Fiquei extremamente feliz por finalmente conseguir concluir a leitura e apreciar a maravilhosa história desse livro. No entanto, após terminar a leitura, foi bastante desafiador retomar outros livros, pois o vício do celular mais uma vez tomou conta de mim (Estudante n-1).

Aqui, a leitura é vivida como experiência de êxtase e desafio, prática de liberdade e de luta contra distrações impostas. A empolgação e a dificuldade são duas faces da mesma moeda: a educação das sensibilidades não é linear, é feita de altos e

baixos, de conquistas e recuos. Cabe à escola criar espaço-tempos que sustentem essas oscilações, que acolham a sensibilidade em sua complexidade.

Considerações finais: narrativas autobiográficas

Este artigo buscou cartografar e problematizar as narrativas autobiográficas de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, compreendendo-as não apenas como expressões do desejo ou do cotidiano escolar, mas como práticas de memória sensível, atos de re-existência e dispositivos de produção de conhecimento histórico-educacional. A partir de uma pesquisa-intervenção realizada em uma escola pública, destacamos a emergência dos “Contos de Recreio”, narrativas breves, espontâneas e carregadas de afeto que convertem o aparentemente banal em matéria de reflexão coletiva, registro memorialístico e crítica social.

Os dados analisados permitem afirmar que a escrita autobiográfica opera como um potente dispositivo de educação das sensibilidades, capaz de tensionar a lógica efficientista e massificadora dos currículos prescritos. Ao narrar suas experiências, as/os estudantes não apenas se expressam, mas se interpretam, se emocionam, se politizam. A escrita torna-se, assim, uma ferramenta de cuidado de si e do comum, um modo de arquivar afetos, preservar histórias e construir uma memória viva da escola.

A emergência espontânea do estilo “Conto de Recreio” evidenciou a politicidade das pequenas histórias e a potência do cotidiano como espaço-tempo de invenção pedagógica. Episódios como a metáfora do “caldeirão” contra as “panelinhas” revelam que as/os estudantes não são apenas sujeitas/os à aprendizagem, mas produtores de conhecimento sensível e político, capazes de problematizar estruturas de exclusão e propor alternativas inclusivas. Essas narrativas constituem, portanto, documentos históricos sensíveis, fontes preciosas para se pensar a cultura escolar, as relações de poder e as pedagogias invisíveis que pulsam nos intervalos, nos corredores, nos gestos miúdos do dia a dia.

A mediação docente sensível e dialógica mostrou-se fundamental nesse processo. A professora de Língua Portuguesa, ao criar um espaço-tempo de

autobiografia e ao encarnar a palavra pelo exemplo, atuou como catalisadora de narrativas-memória. Sua prática alinha-se a uma pedagogia freireana do inédito viável, que valoriza o diálogo, a escuta e a curiosidade epistemológica como fundamentos de uma educação libertadora e sensível. Nesse sentido, a docência revela-se não como transmissão, mas como composição de saberes, tecelagem de sensibilidades e abertura ao devir narrativo das/os estudantes.

Em síntese, as narrativas autobiográficas cartografadas nesta pesquisa transcendem o âmbito individual e assumem dimensão comunitária, histórica e formativa. Elas materializam a premissa freireana de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e a radicalizam: a escrita do mundo, e de si no mundo, torna-se ato de intervenção na realidade, ferramenta de produção de memória e exercício de educação das sensibilidades.

Ao documentar e problematizar os “Contos de Recreio”, este artigo convida a repensar a escola como lugar de produção de arquivos sensíveis, onde memória, narrativa e desejo se entrelaçam para compor outras histórias possíveis, histórias que celebram a sensibilidade como força cognitiva, política e criadora. Longe de ser um apêndice emocional no currículo, a educação das sensibilidades mostra-se como eixo estruturante de uma prática educativa ética, estética e historicamente comprometida.

Por fim, reafirmamos a potência das narrativas estudantis como fontes para a história da educação e para a formação docente. Se a escola deseja, de fato, formar pessoas sensíveis, críticas e criativas, precisa ouvir, arquivar e aprender com as histórias que nela próprias se escrevem. Como nos ensinaram as/os estudantes desta pesquisa, escrever é também lembrar, e lembrar, quando feito com sensibilidade e sentido, é já um começo de transformação.

Referências

ABRANCHES, Graça. *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009. Disponível em: <<https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-Linguagem.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2025.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. *Cartografar é acompanhar processos*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2009.

CUNHA, Cícero Leão da. *O texto como produção do desejo nos anos finais do Ensino Fundamental*. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, ES, 2024. Disponível em: <<https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE/detalhes-da-tese?id=21392>>. Acesso em: 17 set. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* 3.ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução - Luiz B. L. Orlandi. – 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015. – (Estudos; 35 / dirigida por J. Guinsburg).

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo, Iluminuras, 2006 (4ª. reimp., 2019).

FARIA, Izaque Moura de; GOMES, Larissa Ferreira Rodrigues. *O Zigue-Zague Curricular: insurgências ante políticas de formação da docência no Brasil*. Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 34, n. 77, p. 99–116, 2025. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/faeaba/article/view/21818>>. Acesso em: 30 set. 2025.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Pesquisa com o cotidiano*. In: Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/syPBCCTQ76zF6yTDmPxd4sG/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 44 set. 2025.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Currículos em redes e pesquisas com o cotidiano e... Movimentos, repetições e diferença na imanência de uma vida*. – Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. – 55 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. – 64. Ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*, vol. IV (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994.

GOMES, Larissa Ferreira Rodrigues; SUBTIL, Rayra Sarmiento Ferreira; GOUVEIA, Claudineia Rossini. *Entre a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental: o que enunciam as crianças?*. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 18, n. 1. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6847>>. Acesso em: 20 set. 2025.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5699733/mod_resource/content/1/BOND%C3%A7%C3%A3o_Notas%20sobre%20a%20experi%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

LAZZARATO, Maurizio. *Signos, Máquinas, subjetividades*. Tradução de Paulo Domenech Oneto com a colaboração de Hortência Lencastre. 1ª. ed. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

PAIS, José M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.